

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA



ANO VI

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

São Paulo, Março-Abril de 1960 — Caixa Postal, 1304

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Secretário — José de OLIVEIRA PINHO

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

SÍNTESE SOCIOLOGICA DO PODER

1. Todas as comunidades que se iniciam naturalmente, pela família ou grupo de famílias, são monárquicas, pelo patriarcado de uma ou de algumas. Confirma-se isso nas sociedades primitivas.

Só posteriormente, por desordem ou corrupção no seio dessas sociedades, aparece a necessidade de recorrer a qualquer meio artificial de dar comando à sociedade até então normal. Temos então a decadência.

2. Quando, porém, a sociedade inicial se constitui de aventureiros, transfugas de outras sociedades policiadas, ou convergência de migrantes sem chefe natural, força é o recurso ao mais forte, ao preferido socialmente por motivos vários, à eleição ou à cooptação. Na falta de comando natural, tradicional, recorre-se necessariamente ao artifício. São estas as comunidades imperfeitas que, com o andar do tempo, se tiverem a felicidade de se aperfeiçoarem, procurarão fatalmente a estabilidade do poder e sua continuidade, garantia do bem actual e do melhoramento futuro, por meio do governo hereditário.

3. Assim, o poder familiar é inicial na fundação normal da sociedade e final no aperfeiçoamento das sociedades mal começadas.

E o poder electivo é inicial em sociedades mal ou anormalmente iniciadas e final na corrupção de comunidades bem e normalmente principiadas, como no caso brasileiro.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

A UNIDADE BRASILEIRA NA AMÉRICA DIVIDIDA

Podemos facilmente chegar à conclusão de que, dentro do quadro geral da colonização da América, principalmente da América Latina, a presença portuguesa é muito mais acentuada, assume relevos extraordinários, porque vincou mais profundamente, no facies brasileiro, a sua fisionomia espiritual, a sua psique, o seu profundo sentido humanista da vida, aquêle traço somático de disponibilidade permanente para a adaptação ecológica. Foram esses valores sócio-culturais que deram ao Brasil a sua unidade espiritual — que se fez através da língua e da Fé — e a sua coesão política, resultante do sentido unitário da actividade portuguesa na sua acção colonizadora.

Mais do que em qualquer parte da América, o Brasil apresenta a marca do colonizador, não só na linguagem, na constituição psicológica do seu povo, nas tradições folclóricas, nos temas funcionais da sua geografia, nos vestígios da previdência militar que pontilhou as fronteiras e os pontos nevralgicos do País de bastiões de defesa, na sua constituição familiar, como na sua realidade continental, que é a contraprova da intuição política dos portugueses. A coesão que eles conseguiram imprimir a um império disperso pelas cinco partes do mundo está plenamente configurada e provada na unidade do Brasil. Recebemos o País, quando nos tornámos independentes, coeso geograficamente e unido espiritualmente. E há que salientar aqui, que os perigos de desagregação só surgiram na nossa história, após a emancipação política, quando vários movimentos puseram em risco a nossa integridade territorial e espiritual. Felizmente, a tradição portuguesa falou mais alto que os interesses regionais, e nós conseguimos alcançar a etapa do amadurecimento, sem o desastre da fragmentação.

A presença de Portugal no Brasil é, assim, um facto histórico indiscutível e tem sido, para nós, fonte permanente de experiência e de inspiração. Enquanto nos mantivermos fiéis a esse espírito, enquanto não nos divorcarmos desses valores que configuram e definem a nossa nacionalidade e lhe dão um traço peculiar dentro do panorama da América, enquanto não repudiamos a ascendência expressa na realidade luso-brasileira da nossa formação, teremos assegurado o futuro da Pátria una e indivisível, condição primordial da grandeza que todos nós e, conosco o mundo, vislumbramos para o Brasil.

A *Hispanidade*, para as nações hispânicas que se fragmentaram, é apenas uma alegoria sentimental. Mas a *Lusitanidade*, para o Brasil, é uma realidade que deve ser trabalhada e defendida permanentemente, porque configura e delimita, no tempo e no espaço, os valores da tradição e do espírito que mantêm a unidade geográfica e a coesão política do País.

PIZARRÓ LOUREIRO, "Holandeses, Espanhóis e Portugueses nas Américas", in Revista do Instituto Histórico e Geogr. de São Paulo, vol. LVII.

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino de A. VEIGA DOS SANTOS Nas Livrarias

CARAVANAS DE INTEGRAÇÃO NACIONAL

No momento em que "Bandeiras", procedentes de todo o nosso IMPÉRIO, se concentram na sua futura Corte, a AIPB, sempre actuaente no campo da Esperança da Total Redenção da Pátria, se congratula com o Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek, DD. Chefe do Estado Brasileiro, cujo alto espírito e dinâmica vontade vão realizando à maneira possível em república uma Grandiosa Aspiração Nacional.

Assiste-nos razão de júbilo, pois fomos o primeiro movimento de cultura e acção política a estabelecer essa aspiração em programa nestes termos:

"IV. NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA. CONCENTRAÇÃO POLÍTICA E DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA. — Divisão do País em províncias menores, puramente administrativas. Educação obrigatória contra o mau espírito regionalista inoculado pela república e intensificação do amor e interesse pela cidade natal ou Município, célula do Estado Imperial. — Fundamentação em base sólida da UNIDADE NACIONAL, com prejuízo das legítimas liberdades provinciais e, SOBRETUDO, da AUTONOMIA dos Municípios, células políticas do ESTADO Imperial, garantindo-lhes uma vida local forte e livre em união estreita política orgânica com o Centro (CÓRTE), colocado realmente no CENTRO GEOECONÓMICO DO IMPÉRIO. Ai se concentrará toda a nossa vida nacional orgânica política, económica e militar defensiva e ofensiva com irradiação para a periferia, por um sistema de circulação rápida e eficiente (rodovias, ferrovias, rios, canais, aerovias). Neste artigo Pátria-Nova firma o princípio de que unidade não significa uniformidade, ao contrário do monismo totalitário da democracia republicana".

É, pois, sincera e motivada a nossa manifestação gratulatória.

(Fev.º de 1960)

CIVILIZAÇÃO E CULTURA

E' a Civilização apenas o enquadramento, a moldura física da Cultura, assim como o corpo é o enquadramento externo da alma. Nasceu em todos os povos os elementos civilizacionais: a Cultura, porém, que é o distintivo e carácter da Nação, os amolda todos à sua feição própria, nacionalizando-a. E, então, quase que se não sabe onde se acaba a cultura e onde começa a civilização, tamanha se dá a interpenetração mútua.

"LA TRADICION"

Se quer conhecer o profundo movimento de renovação que vai gerando, leia "La Tradición", revista cultural publicada na Argentina pelo sr. P. Francisco Hervé Le Lay. Endereço — Tala, Provincia de Salta, Argentina.

POLÍTICA E TEORIA DO ESTADO

de J. P. Galvão de Sousa

Em todas as livrarias.

FÁBULA SEM GRAÇA

Era uma vez imensa floresta onde viviam milhares de macacos em plena e continua algazarra.

Ora, nessa mesma selva habitava soberbo casal de lobes com sua família.

Aconteceu que os filhotes do casal leonino acharam estranho e feio serem eles excepção e diferença na mata onde, fora eles, só havia macacos.

Rogaram aos deuses dos animais que os transformassem na igualdade macacal, no que foram atendidos pelos irônicos deuses, partindo para o exílio o nobre casal de lobes.

Na selva onde outrora habitavam, soberanos e diferentes, os generosos lobes amigos da paz, hoje existem somente macacos... todos iguais na algazarra, na desordem, na indisciplina, na bagunça, na brigalhada eterna... e na miséria.

"Egalité, liberté, fraternité"!

ADVERTÊNCIA

Poderá, de um momento para outro, resultar em guerra quente — único meio providencial de o Ocidente acordar da sua fragilíssima atitude suicida e anti-cristã — a política primária levada a efeito pelas potências que se chamam imbecil e cômicamente "democráticas" com relação às satânicas potências comunistas que também, confessando idênticas origens perversas e anti-humanas, se regalam justamente com o estúpido qualificado de "democráticas".

Está faltando no mundo, como já havemos afirmado, uma POTÊNCIA DEVERAS CRISTÃ e resolutamente coesente.

Que pena estar o Imperial Brasil peado, enfraquecido pelo estadismo republicano e estrangeiro que lhe impuseram totalitariamente em 1889!

O SERVIÇO SOCIAL DE MENORES TEM NOVO DIRETOR

Dirigir o Serviço Social de Menores não é por certo tarefa fácil nem sinecura desejável para quem deseja prestar relevante serviço social.

O Serviço Social de Menores exige uma aplicação de pacientes estudos relativos ao meio social, onde se confundem desajustes pessoais, falhas educativas, famílias desfeitas, ambientes impróprios, civdades de vícios e faltas da mais comosinha viciada.

Dirigir tal serviço não é propriamente o termo, melhor seria dar-lhe seu verdadeiro nome, isto é, servir à Sociedade, porque atender ao grave, crescente e momentoso problema do menor é solucionar, talvez, a maior das equações existentes nas megalópolis modernas, que se desumanizam à medida que crescem horizontal e verticalmente.

O nomeado dr. Mário Altenfelder Silva já está conhecendo os vários ângulos do Serviço Social de Menores e, por isso, não se lhe pode chamar novato, no assunto muito pelo contrário, suas credenciais o tornam capaz de dar ao referido serviço uma eficiência, cujo brilho jamais se empalidecerá.

O cargo não é sinecura, antes um enigma ligado de tropeços, incompreensões e carente de recursos materiais.

Auguramos ao dr. Mário Altenfelder Silva uma feliz administração que antevemos ser utilíssima para São Paulo, porque não faltam ao nomeado, competência, espírito de sacrifício, dedicação apostólica, vocação especial para o cargo. Nem outra idéia poderia ocorrer aos que conhecem o dr. Mário Altenfelder Silva, herdeiro que é do insigne desembargador Hermógenes de Altenfelder e Silva, um santo e um sábio.

Parabéns a São Paulo que pode contar com tão importante colaboração no Serviço Social de Menores, onde a Sociedade tem muito que resgatar.

Antônio A.M. de QUEIROZ TELLES.
Do "Diário Popular", S. P., 2-3-1960.

BUSCAR A VERDADE... ATÉ POLÍTICA!

Se a vida triunfante é feita da alegria da verdade, a essência da vida militante é o combate pela verdade. O mundo aprecia nãmiamente o dever de se afanar pela verdade; os próprios homens religiosos limitam amiúdo esse dever ao afã pela verdade religiosa, sua conservação e dedução das conseqüências práticas imediatas. Atraver-me-la eu a dizer que é nãmiamente pouco? Cumpre amar a verdade seja ela qual for, por este motivo fundamental: conhecer a verdade é pensar de uma coisa o que dela pensa Deus, seja ela um corpo bruto ou um animal.

Mons. Carlos SENTROUL

Neutralidade

A neutralidade é uma farsa tanto nas relações privadas como nas instituições públicas. — Do opusculo anônimo "Uma despertadora d'alma contemporânea — Elisabeth Leseur".

A CONCLUSÃO PATRIANOVISTA (1928)

O Brasil é uma Pátria Imperial que não pode, de modo nenhum, ser republicana. A república não só não poderá resolver os problemas da Nacionalidade e do Estado, mas também é dissolvente, anti-nacional e repatriata.

SERMÃO AOS CEGOS

Que falta faz uma instituição política séria, ao nosso país! Continuasse o Brasil sendo um IMPÉRIO e, nesta altura, em que brilhante situação política e econômica internacional, não estaria? Entristece pensar nisso. A instituição política republicana demônio e partido-crítica, por ser sujeita às influências estrangeiras desnacionalizadoras, entibia e enfraquece o Estado, tornando-o apático e incapaz de defender os interesses maiores da nacionalidade, que o levariam a afirmar-se como potência de primeira grandeza — de máxima grandeza — condição a que está fadado e a que tem direito incontestado, pela sua posição e realidade geográfica e pelo seu passado histórico, político e econômico.

Não é o Brasil o país subdesenvolvido, que a propaganda subreptícia anti-nacional, desnacionalizadora e estrangeira quer fazer crer, para nos arrastar exatamente a essa condição, em benefício de seus financiadores encapuçados que, de longe, espreitam, com verdadeiro pavor, o nosso possível ressurgimento IMPERIAL. O Brasil atual, a despeito da destruição a que o tem submetido a Ré Pública — queiram, ou não os ríbios, os ignorantes e os traidores — é, embora em embrião, embora adormecido, um grande e poderoso IMPÉRIO!

Chamo a atenção dos "cegos", para este facto muitíssimo importante! Chamo a atenção, para isto, especialmente, dos membros das Forças Armadas do Brasil!

Se já fomos grandes, por que não continuarmos aquela grandeza, que nos foi legada pelos nossos Avós e que, traiçoeiramente, foi interrompida, em 15 de novembro de 89?

A Ré Pública empobreceu-nos e diminuiu-nos para maior sossego de seus capatazes estrangeiros. Deseducou o povo, forjando, os seus asseclas, uma falsa história pátria, na qual se omitiram, ou se confundiram as suas grandes passadas e se ridicularizaram — com as mais falsas afirmações — os feitos e as figuras de seus pró-homens mais ilustres (pelo simples facto de terem sido reis, ou seus servidores) obscurecendo aos olhos do povo o nosso passado grandioso e glorioso. Daí, essa apatia da Nação. Daí, essa descrença — já agora generalizada — em melhores dias. Daí, esse perigoso desânimo nacional.

Para sacudirmos esse torpor, cumpre alertarmos o nosso povo e, especialmente, aquelas forças que melhor o representam: as gloriosas Forças Armadas do Brasil, mostrando-lhes a VERDADE histórica nacional.

O Brasil já foi militarmente forte. Já teve uma grande Marinha de Guerra, que os nossos inimigos temiam e respeitavam.

Era a segunda, ou terceira marinha de guerra do mundo. Seus oficiais instruíam a orgulhosa marinha da Prússia (Alemanha), e construíam, em estaleiros totalmente nacionais, os nossos próprios navios mercantes e de combate. Passados apenas 70 anos, a que foi reduzida?

A orgulhosa Marinha Imperial é hoje "instruída" por oficiais americanos e compra dos E.U.A., os navios velhos que estes refugam por obsoletos e imprestáveis para os serviços normais de sua esquadra. Passamos, nem mais nem menos, de cavalo a burro! Segunda, ou terceira... da América... do Sul!

O Brasil já foi financeiramente rico. Já teve uma das moedas mais fortes do mundo. As moedas de ouro e de prata, circulavam abundantes e eram até proteridas pelo dinheiro papel, que o povo achava de mais fácil manuseio (hoje temos "belíssimas" moedas de alumínio, atestando a mediocridade da administração econômico-financeira da Ré...). O câmbio estava a 27 e 3/4 em 15 de novembro de 89 (o que quer dizer: dólar a Cr\$ 1,83 e a libra esterlina a Cr\$ 8,88; hoje o dólar está APENAS a Cr\$ 186,00 e a libra a Cr\$ 521,50...). Essas mesmas moedas de ouro que aqui circulavam em 15 de novembro de 89, foram objeto, em 1930, de um pagamento de dívida de guerra, da Inglaterra aos Estados Unidos. Como saíram elas de nossas mãos e como foram parar nas mãos da velha raposa inglesa? Que o digam os traidores de 89, especialmente o festejado junista anglo-saxão e refinado misticificador RUI BARBOSA (que foi o grande fautor da queda do câmbio de 27 e 3/4, para O (ZERO) em que se encontra agora), o covarde servo dos grandes orientes internacionais!

Não somos, portanto, um país qualquer, porque já fomos um GRANDE PAÍS. Por que, então, não voltar a sê-lo?

Estão com a palavra as Forças Armadas do Brasil, responsáveis pela continuidade Ré publicana!

Neste momento histórico, em que o mundo está à deriva, por falta de timoneiro, por falta de comando e em que alha, entre atônito o súplico, para nós, esperando a nossa palavra de ordem, o que vemos? Um Brasil mole, incapaz, alquebrado pelo péso de sua desorganização político-administrativa e pelo descalabro de sua economia e de suas finanças, vos tumida, anêmico, a halbuçar monossilabos, medroso, rabo entre as pernas, diante dos mavoríticos Estados, prepotentes e rapazes que, a poder de explosões atômicas, projéteis teleguiados e mancheias de ouro espalhadas "generosamente" por todo o mundo (para sustento de suas bem organizadas quintas-colunas), intimidam e dominam os povos do orbe

terríqueo, postos a tremar ante as batidas dos tacões odiosos e os olhares abúlicos e repelentes, dos Al Comptos orientais e occidentais.

Per que não nos tornarmos este timoneiro que o mundo todo procura, se nem os Estados Unidos (os verdadeiros, não os socoados, que como nos...) nem a Rússia têm qualidades morais e, muito menos, espirituais, para assumirem esse comando?

Porque o nosso regimen politico não nos dá unidade e, por isso, nos enfraquece interna e, por consequência, externamente. É, hoje, o Brasil, apenas, uma moficante expressão geográfica. Falta-lhe algo que lhe dê consistência: **comando**. Um comando nacional, que possa pôr a trabalhar a nossa diplomacia loureira tão brilhante e, hoje, reduzida a um amontoado heterogêneo de banqueiros e comerciantes ladinos (improvisados diplomatas), que lá fora transformam as embaixadas em bancas de promoção de negócios, dos grupos económicos que representam, de poetas e escritores safados, que fazem das embaixadas postos maçônicos de intervenção indebita nos assuntos politicos internos dos povos nossos irmãos; de madraços e comoditas play-bóys, malandros gozadores das delicias das estâncias de repouso e prazer, em que transformam as embaixadas que **DES**servem, pagas, por cima, com polpudas remunerações em dólares, num programa de afirmação internacional do Brasil, sem veleidades, ou pretensões imperialistas criminosas, mas numa situação missionária católica, visando proporcionar a si mesmo e a todos os povos da Terra, **sem distincção de espécie alguma**, uma paz duradoura e sem condições.

Tal é o programa Patrianovista ideado pelo imenso Dr. Arlindo VEIGA DOS SANTOS e disseminados desde 1928, por ele mesmo e por seus seguidores espalhados por todos os quadrantes da Pátria.

Que nos falta, para podermos atingir esses patrióticos objetivos? Vamos acima: **INSTITUIÇÃO POLITICA** que dê ao Brasil um **comando estável**. Uma instituição politica que seja conforme à natureza de seu povo: a sua **velha, natural e sempre actual, INSTITUIÇÃO MONÁRQUICA**, provada em 800 ANOS de história grandiosa, mais que suficiente para atestar as suas magnificas qualidades politico-administrativas que, no Passado, tão alto elevaram o nome da Nação Brasileira, qualidades estas que faltam a essa geringonça **ESTRANGEIRA**, anti-nacional e separatista (absolutamente contrária à nossa natureza e à nossa índole de povo **IMPERIALMENTE PREDESTINADO** a um grandioso destino) que nos foi **IMPOSTA** por traidores da Pátria a serviço de sociedades secretas estrangeiras, no fatídico 15 de novembro de 89.

Realmente, o **BRASIL IMPÉRIO**, grande, rico e forte, era um obstáculo — sério obstáculo — às safadas pretensões e aos sôrdidos interesses das grandes potências da época. Urgia destruir o **concorrente** temido que se estava formando, repetindo o que haviam feito ao **REINO UNIDO DO BRASIL, PORTUGAL E ALGARVES**.

Mais do que isso, era para eles imperativos de vida, ou de morte, derubá-lo, **antes que se tornasse adulto!** No momento preciso: exatamente no momento em que se punha em execução o plano Ouro Preto, de conversão metálica da nossa moeda (que propiciaria ao país um gigantesco movimento de **sólido e fecundo** progresso, que o levaria a ultrapassar longe, as potências predatórias da época), que coincidiria com a elevação ao Trono de Isabel I (a carola, como lhe chamou atrevidamente a maçonaria de Campinas), eis que a dita cuja **societas sceleris**, apressa o fim de sua nefanda obra.

Destruído o **IMPÉRIO DO BRASIL**, puderam os seus mandantes estrangeiros continuar, sem susto, daí por diante, o processo de dominação dos povos desamparados, impotentes e sem comando.

Senhores responsáveis pela última linha de defesa da nacionalidade. Senhores membros das gloriosas e nunca vencidas **IMPERIAIS FORÇAS ARMADAS DO BRASIL!** Graças ao esforço — à sobrenatural loucura — de um homem predestinado — o actual presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira — está o Brasil à moda republicana, (cujo alto custo as gerações futuras terão de pagar) — ante os olhos espantados e temerosos dos nossos inimigos velados e tradicionais — dando um pulo demasiadamente alto e atrevido, cuja audácia, além do mais, espanta o mundo. **Isto**, soldados do Brasil, **não lhes convém do modo nenhum**, pois contraria, frontalmente, os seus mesquinhos interesses de aves de rapina internacional. Esperai, para breve, portanto, o golpe que, cuidadoso e sorrateiramente, com a ajuda das **sombras "nacionais"**, estão arquitetando. Quando isto acontecer — e vos disse isto recentemente — tereis de decidir ou vos conformareis em não disse isto recentemente — inconscientemente, que importa? — a continuar a dar o vosso apóio — inconscientemente, que importa? — a nossa escravização (velada, como dizem muitos...), ou dareis — **COMO OS CUMPRE** — um **BASTA!**, a essa trama perversa e insidiosa que, de há tanto tempo, nos vem dominando e destruindo.

No momento em que tomades essa decisão, aqui estaremos, à espera do vosso chamado, dispostos a todos os sacrificios para servir e engrandecer o Brasil, tendo por guia o exemplo de nossos maiores que, no **IMPÉRIO**, tanto honraram e engrandeceram o nosso País!

José de OLIVEIRA PINHO.

"Revolução e Contra-Revolução", de Plínio Corrêa de Oliveira. — Nas livrarias

MALES PROPICIOS

Não há lastimar apenas a tragédia nordestina a que estamos assistindo, sangrantes os corações. Há muito que aprender na espontânea e fraterna solidariedade "eficaz" de todos os brasileiros e de tantos estrangeiros. Há também que anotar as muitas deficiências dos nossos serviços públicos a par da capacidade de improvisação da inteligência e vontade nacionais quando se estabelece um comando que sabe querer. Importa, ademais, não esquecer a baixez pustular dos politiqueros demagogos e malvados que procuram desviar em proveito próprio — chacais da desgraça — os socorros que a caridade e a piedade encaminham aos flagelados.

Cumpra aprender. E aí vai a razão de lançarmos esta nota sob o título de "males propicios".

DOM PEDRO II E OS MONARQUISTAS "LIBERAIS"

A sua chegada a Lisboa, recambiado do trono pela revolução picaresca de 15 de novembro, o Imperador do Brasil não viu à roda de si senão personagens de carácter oficial, e noticiarias e reporters ávidos de novidades com que fazer aumentar a venda aos seus jornais. Colônia brasileira, muito pouca, e essa constringida e remordendo contra o soberano deposto um desdém, que nem por ter nascido à véspera, deixava de ter todas as aparências dum ódio antigo e fidalgo.

Compreende-se então a vilania. O velho príncipe, que protegera e acarinhara muitos daqueles egoístas, auxiliando-lhes os acessos para a riqueza ou para os cargos públicos, o velho príncipe descia a Portugal exautorado, e já não era para eles no império o esteio da Ordem, já não garantia com o seu governo a alta de fundos, já não podia dar pensões a estudantes e a escritores, já não fazia cônsules nem despachava plenipotenciários; e desembarcando pobre era uma espécie de **cousin Pons**, de cuja estiva nenhum brasileiro autêntico, ou português abrasileirado, podiam auferir vanglória ou esportula de vulto!

Em termos que, fora do carinhoso circuito dos três ou quatro amigos leais que vinham a bordo, a família imperial só achou ao desembarcar em Lisboa as caras de cortiça do séquito do sr. Dom Carlos, e a reptante matilha dos reporters, ávida de conpurcar a majestade do infortúnio com a inexprimível solécia das **interviews**, obcenizada por esta absoluta falta de pudor dos que fazem da alicivice um ganha-pão.

Filho de Almeida. "Os Gatos", 1889

LEIA

"Organização Monárquica do Estado"

(sociologia política), de Jacques Valdour, tradução e anotações de A. Veiga dos Santos

A REPÚBLICA E O LIVRO

Os politicos neste país não prestigiam o livro. Quem se preocupa com o aumento anual, em números absolutos, do analfabetismo no Brasil?

Somos o país que mais onera, aduanciramente, o livro, no mundo.

Enio SILVEIRA

"MOSAICOS"

MOSAICOS, de Miguel de Valois, é, antes de tudo, um trabalho essencialmente patriótico. É uma coletânea de extraordinário valor, quer no que se refere às letras, à cultura ou à História Pátria, cujos documentos profundamente instrutivos ali estão lembrando uma época, um passado que muito honrou o Brasil Império; quer quanto soma de conhecimentos que eleva e dignifica o autor. É, a meu ver, um livro que todos os monarquistas patrianovistas devem conhecer. Nêle vamos encontrar bellimos exemplos de brasilidade dados pela Família Imperial Brasileira. Expressa verdades sobre os vultos do Império, cujas páginas de civismo, de amor, de serviços prestados ao Brasil, o próprio tempo jamais poderá apagar, tanto ficaram gravados no coração de nossa gente os feitos dos grandes guias de um povo.

D. Pedro II foi, antes de tudo, um autêntico brasileiro. São da autoria de S. Majestade D. Pedro II, estas frases que encerram uma poesia: "E entre visões de paz, de luz, de glória, sereno aguardarei no meu jazigo a justiça de Deus na voz da História".

A Miguel de Valois os nossos cumprimentos e parabéns.

Arlindo BAPTISTA PEREIRA

REZAI PELA SALVAÇÃO DO BRASIL, E DEUS NOS APRESSARÁ O ADVENTO DO IMPÉRIO ORGÂNICO PATRIANOVISTA, MISSIONÁRIO.

CONJUNTURA POLÍTICA...

Ao sr. Dr. Wandick de Freitas, da Rádio Record, dirigiu a carta seguinte o conselheiro patrianovista, sr. Jeronymo Ricardo de Mattos:

Meu caro Wandick

As fulgurações do utopismo republicano creador de "sonhos" e fantasias de uma **liberdade** sem código de moral, opõem-se os ascetas da realidade, neste mundo conturbado pela saturação de "ismos" filosóficos, que tanto confundem um "tomismo" com um "marxismo", um "positivismo" com um "cristianismo", um "rousseauismo" com um "agostinianismo" ...

Nossa Pátria, meu caro Wandick, desde 1889, vem sendo uma espécie de "caldo de cultura" de experiências políticas. E já vivemos 5 repúblicas!

Vamos para a 6.ª república, ninguém duvida! Mas, o que será ela? República oligárquica, confederacionista, comunista, militarista, socialista, ditatorial ou fascista? Ninguém sabe; ou melhor, nós, patrianovistas, o sabemos. **NÃO MAIS IRÁ HAVER REPÚBLICAS NO BRASIL!** O Brasil voltará a ser o que era e o que sempre foi há cerca de 800 anos, desde o antigo reino Lusitano (1137).

É um assunto a debater, e nada mais oportuno do que o seu programa do "Canal 7" que já se vai tornando célebre: — "Somos todos responsáveis!"

Qualquer sociólogo, do mais abstruso ponto de vista, percebe logo que "não reina paz em Varsóvia", havendo mesmo, até um certo "cheirinho de pólvora" pairando no ar...

O que é fato, é que ninguém consegue governar com esta "Constituição" liberal que faz do Estado um fim e não um meio.

Não há encadecimento de sucessões governamentais; cada governo que entra, é sempre um grito de desespero e de revolta contra o governo que vai sair, e uma efêmera ilusão de bemaventurança para o que vai entrar. E o resultado, é sempre este: — o que sai, deixa para o que entra um patrimônio aumentado de dívidas, compromissos, problemas, etc., etc.

E o pior... o "problema" da sucessão, crônico, igual a uma febre ondulante, que envenena o país com conturbações gástricas, que desmoraliza a "autoridade" já desmoralizada na propaganda estilo "coca-cola"!

Enquanto isto, para "atirar terra" nos olhos das multidões e assim não verem elas suas desgraças, cobrem o palco com o imenso "pano-de-bóca" — o inefável **PROBLEMA DA SUCESSÃO!!!**

Cui prodest? é a pergunta que a técnica policial formula sempre, antes de iniciar o inquérito. "A quem interessa?" A quem interessa essa miragem de liberdade cujos efeitos funestos e desagregadores caem sobre a cabeça de toda uma Nação?

Evidentemente, a desordem camuflada de liberdade só interessa aos... malandros, ou aos LADROES, que assim, impunes, usam do Estado para desgraçar a Nação!

Problemas como os da previdência social, o reforestamento, da contenção no País dos lucros extraordinários das empresas estrangeiras, da recuperação das nossas ferrovias e de nossa marinha mercante, da reforma agrária, da estabilização da moeda e contenção da alta do custo de vida, da reforma tributária, da revisão territorial do país, a restauração da lei de minas (regulana), polígono das secas, reaparelhamento dos correios e telégrafos, a calamidade burocrática e a desgraça dos parlamentos políticos e não legislativos, o mercantilismo do ensino e o seu baixo padrão em grau médio, o "militarismo" inoperante e político, o elevado custo dos livros e da inundação de má literatura barata, a falta de amparo ao cinema e às artes e o estímulo às vulgaridades estrangeiras, a imprensa e órgãos de divulgação a serviço do comércio com a sua ânsia de vender e a mal pouco serviço à Nação e à cultura, o rápido e progressivo desenvolvimento dos trustes e cartéis que enfraquece e elimina toda iniciativa particular (o artesanato, p. ex., — vide Lei Malaise que derrubou Getúlio em 45), a borracha, o petróleo, o café, etc. etc. e etc., poderão esses problemas ser resolvidos simplesmente, rapidamente, em dois anos de um quinquênio (período administrativo de um governo de 5 anos) com esta "constituição", que renega nossas instituições, que ao invés de **evoluir** o passado, **subverte, revoluciona permanentemente**, não continua, não se fixa, que mede às autoridades pelo **padrão de seus vencimentos** e não pela responsabilidade que se investe, então, estes "problemas" podem ser resolvidos **com isso que aí está?** Ou teríamos que apelar novamente para Rui (o destilado da república que ele "sonhou") para repetir a sua célebre "Oração aos moços"?

Por tudo isto, meu caro Wandick, não me canso de afirmar: — "o mal é do regime e não dos homens", porque, homens, têm-os e muitos; regime, porém, é que não temos que preste... Conviém, por isso, irmo-nos preparando... ouvindo sempre **Homens** (com H maiúsculo) em mesas redondas do "Somos todos responsáveis", uma vez que os tais "parlapaticamentos" não resolvem coisa alguma... nem leis chifres de criação de ginásios!

Aos três espectadores do "Somos todos responsáveis" fica sempre, no final da arena, a desolação da madrugada, um laivo de insatisfação, uma pergunta que não foi respondida: — O que fazer?

Creio, meu caro Amigo, que devemos tratar, ao lado dos "problemas" decorrentes do estado constitucional e não institucional, primeiro, do **PROBLEMA DA CÚPULA**, isto é, da **instituição** do Brasil nos seus moldes históricos, sociais e políticos... e não das reformas "à outrance" do Brasil através de repúblicas e mais repúblicas, de constituições e mais constituições!!!

Boa tarde, e muito obrigado!

Jeronymo RICARDO DE MATTOS
 SP. 18 de nov.º de 1959

POR QUE SE "FALA" TANTO EM "DEMOCRACIA"...

Uma manhã li num dos jornais do Rio um discurso de Getúlio Vargas em que usava duas vezes a palavra "democracia". A tal, perguntei a razão (porque via nele um ditador) do emprego desta palavra.

Getúlio respondeu, mais ou menos, assim:

— Há palavras com tão grande sortilégio, tão atractivas, que ninguém nas Américas poderá governar sem elas...

As palavras "república", "democracia", "liberdade" e "independência", por exemplo, são algumas delas. Têm verdadeiro feitiço. (Eduardo Malta, "Voz do Portugal", Rio, 11.10.1959)

— Donde se vê que "república", "democracia", "liberdade", "independência" são... "palavras" republicanas para engambelar as trouxas.

FACTO EXPERIMENTAL

Interessante notar como a vida das nações monárquicas decorre normal e serenamente, ao passo que as republicanas e ditatoriais (decentes e indecentes) vivem em exaltação permanente e orgiaca, sujeitas a abalos, instabilidades e polémicas a todas as luzes.

Ninguém vive falando nos reis, rainhas da Suécia, Noruega, Dinamarca, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Japão, etc. Não são esses países objecto de tumultos e paixões demagógicas e ferinas.

E' que a Monarquia é governo normal, não é febre, orgia, dança de São João. Em face do morbo delirante dos outros regimes, apresenta-se ela como a sanidade serena.

O ESTADO É MEIO E NÃO FIM

J. C. ATALIBA NOGUEIRA

Em todas as Livrarias

BANDEIRA DA REPÚBLICA

Esteve em discussão no Legislativo, o ano passado, o projeto de lei para alteração da bandeira republicana. Foi autor do mesmo o marechal Angelo Mendes de Moraes e sugeriu a extinção da faixa branca com o lema positivista "Ordem e progresso".

O historiador Gustavo Barroso há pouco falecido opinara deste modo: "Sou contrário à faixa e ao globo. Deviam estar em seu lugar os símbolos tradicionais do Brasil: a **cafeira armaril** e a **Crus de Cristo**". Apoiando essas palavras, disse o bispo auxiliar Dom Hélder Câmara: "Faça minha a declaração de Gustavo Barroso".

Mas para os eternos principiantes chamados republicanos o Brasil não tem passado: começou apenas em 1889. E quem não tem passado não pode ter futuro... A república "brasileira" está neste caso.

O NOSSO PORTUGAL

Queríamos e queremos para Portugal, tanto como para o Brasil o Estado Monárquico Anti-liberal das nossas comuns legítimas tradições, actualizado no século 20.

O que não nos entusiasma é a volta de qualquer liberalismo, monárquico ou republicano, sempre sectário e anti-católico, anti-lusitano.

Para se ter uma ideia do que era a república em Portugal antes da revolução nacionalista de 1926, basta ler no seu Código do Registo Civil o

— "Artigo 313 — Cada um dos indivíduos, que realizarem ou cooperarem conscientemente na realização de um acto de baptismo, matrimónio ou entôro religioso, em que seja parte principal um cidadão português, nacional ou naturalizado, ou ainda um português naturalizado estrangeiro, sem que seja apresentada a certidão ou boletim comprovativo de se haver efectuado previamente o competente registo civil de nascimento, casamento ou óbito, incorrerá na perda de todas as vantagens materiais, que estiver recebendo ou puder vir a receber do Estado, e além disso na multa de 100000 a 1005000, que será aplicada em cada processo criminal e revertida para a obra de assistência pública designada no artigo 350". — (Código do Registo Civil, Decreto de 18 de fevereiro de 1911, assinado por Joaquim Teófilo Braga, António José de Almeida, Afonso Costa, José Rolvas, António Xavier Correia Barreto, Amaro de Azevedo Gomes, Bernardino Machado e Manuel de Brito Camacho. In "Collecção de Legislação do Ministério de Justiça, promulgada durante o governo provisório da república portuguesa", Lisboa, Empresa Lusitana Editora, 1912, pag. 827).

Assim agia contra o católico povo português, na "república velha" de lá, a fina flor da bondarada maçônica que se apressa do Estado... Votar a isso? Não. Viva a Monarquia! tanto lá como cá.